

A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA” DE ANA MARIA MACHADO

ILCEE CORTEZ N. DE OLIVEIRA(UFCG)
ilceecno@hotmail.com

RESUMO

Sabemos que a literatura infantil serve como instrumento na formação da personalidade da criança e que é através da literatura que os pequeninos têm acesso a novos modos de significação, novas vivências, fazendo com que elas entendam melhor seus sentimentos, emoções e percepções. Nosso trabalho tem como objetivo estudar uma das obras literárias de Ana Maria Machado, voltado ao público infanto-juvenil. O livro intitulado “Menina Bonita do Laço de Fita” valoriza a identidade negra, em especial a figura feminina. Portanto nosso trabalho tem como objetivo analisar a imagem da personagem feminina negra no livro “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado. Além disso, este trabalho pretende trazer uma reflexão acerca do ensino da literatura brasileira nas salas de aula do ensino básico. Baseando-se em teóricos como Zilbermann (1985), Rosemberg (1985), e nos documentos oficiais PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais). Ainda faremos um breve levantamento histórico sobre a inclusão do negro na Literatura Infanto-juvenil e sobre como o tema deve ser abordado em sala de aula. Os resultados principais apontam que o personagem principal é colocado pela autora como herói de sua própria história, valorizando assim sua identidade cultural, seus costumes, sua autonomia expressiva, entre outros aspectos.

PALAVRAS-CHAVE: literatura infanto-juvenil. identidade negra. ensino.

1. INTRODUÇÃO

Literatura é uma linguagem específica capaz de atuar sobre as mentes e proporcionar ao homem à oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Da mesma forma, podemos dizer que a literatura infantil, em sua essência, possui a mesma natureza, pois permite que o pequeno leitor participe de experiências de vida através da representação do mundo, ao fazer uma relação entre o maravilhoso e o real. Através da literatura é possível: aprender, refletir,

questionar, comparar, investigar, imaginar, emocionar, divertir, transformar, viver, amadurecer, desenvolver a sensibilidade estética e a expressão linguística, adquirir cultura, diferentes visões de mundo e etc. (BRAGATTO FILHO, 1995).

Neste sentido, ao ler um texto literário a criança não está apenas decifrando um código, ela está buscando sentido das palavras, aventurando-se na leitura, percebendo a realidade que a cerca, absorvendo conhecimento e transformando-o constantemente. Portanto a literatura é fonte primordial para uma ação formativa, pois o contato da criança com bons textos literários que envolvem o leitor prazerosamente permite que a criança desenvolva sua imaginação e facilite a sua expressão de ideias e sua expressão corporal. Nesse contexto nosso trabalho tem como objetivo estudar uma das obras de literatura infanto-juvenil da escritora brasileira Ana Maria Machado e como a obra pode ser estudada em sala de aula.

2. O ENSINO DA LITERATURA NA SALA DE AULA

Na sala de aula a literatura precisa de espaço para ser texto, que deve ser lido em si mesmo, por sua própria constituição. Também precisa de espaço para ser contexto, ou seja, para que seja lido o mundo que o texto traz consigo. E precisa de espaço para ser intertexto, isto é, a leitura feita pelo leitor com base em sua experiência, estabelecendo ligações com outros textos e, por meio deles, com a rede da cultura (Cosson, 2003, p. 67).

Para um bom trabalho com literatura em sala de aula, Zilberman (1985) sugere que devemos considerar as predisposições etárias e culturais, encarando a literatura como objeto de estudo em si, independente de outras disciplinas e finalidades extraliterárias. Pois sem permitir a liberdade de interpelação, o exercício da subjetividade e da criatividade, sem incentivo ao senso crítico, o resultado será a inibição do leitor.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, ressaltam a importância do trabalho com o texto literário “visto tratar-se de uma forma específica

de conhecimento” (BRASIL, p.29) Os Parâmetros curriculares Nacionais de língua Portuguesa, advertem ainda que

literatura não é cópia do real, nem puro exercício da linguagem, tampouco mera fantasia que se acolheu dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais (ou mesmo não verbais conforme algumas manifestações da poesia contemporânea).

Nesse sentido, a literatura infantil se articula entre o real e a fantasia. A fantasia proposta no texto literário ajusta-se com a realidade vivenciada na sociedade e no mundo.

Também podemos observar a importância da leitura literária no processo de aquisição da leitura, ao ler um dos objetivos do PCN de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, na qual afirma que o aluno deve ser capaz de: “valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos” (BRASIL, 1997, p. 33), ou seja, a literatura permite que o aluno amplie seus conhecimentos através da leitura de seus textos. Assim, a literatura infantil se faz indispensável na escola, e a escola, em contrapartida, é o local perfeito para se trabalhar com literatura infantil, pois ela é o espaço ideal para serem lançados projetos e desafios que abrirão caminho para novas aprendizagens, principalmente, porque, de acordo com Maria Helena Z. Frantz, criança e literatura infantil gozam e compartilham da mesma natureza, isto é, “ambas são lúdicas, mágicas e questionadoras – e essas afinidades fazem com que seja a literatura infantil o mais

poderoso aliado do professor e da criança pela vida afora, na busca da compreensão do mundo e do ser humano” (1998, p. 16).

Dessa maneira, a literatura na escola é ferramenta fundamental na constituição de um leitor, pois ela abre caminho para o exercício da compreensão e passa a ser o ponto de partida para a leitura de outros textos, variando os gêneros e temas de leitura. Nesse caso, a literatura infantil também permite ao seu leitor que ele conheça as diversidades culturais e sociais que ele ainda não conhece e amplie seu conhecimento ao absorver através do texto literário informações e características de uma determinada cultura que para ele até então era desconhecida.

Nesse sentido, podemos afirmar que a literatura infanto-juvenil contribui de forma única no processo de alfabetização e letramento e também na formação e vida das pessoas, pois a leitura literária é um instrumento que leva o sujeito à reflexão e a participação na sociedade.

3. INCLUSÃO DO NEGRO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Não há dúvida de que a literatura infanto-juvenil contemporânea apresenta uma imagem positiva do negro. Contudo, as marcas de séculos de inferiorização não podem ser apagadas em algumas décadas.

Rosemberg (1979), em sua pesquisa procurando analisar as discriminações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil brasileira, examinou cerca de 170 livros nacionais editados ou reeditados entre 1950 e 1975. Os resultados apresentados pela pesquisadora confirmam que a literatura infanto-juvenil desse período tanto reforçou estereótipos do negro e do índio como, a partir de uma postura etnocêntrica, contribuiu para difundir a proposta racista de que o branco é um ser superior, neutro e normal. No dizer de Rosemberg,

Dentre as formas latentes de discriminação contra o não-branco, talvez seja a negação de seu direito à existência humana – ao ser – a

mais constante: é branco o representante da espécie. Por esta sua condição, seus atributos são tidos como universais. A braquidade é a condição normal e neutra da humanidade: os não-brancos constituem exceção.

Analisando a temática étnico-racial nas narrativas infanto-juvenis publicadas entre 1979 e 1989, Oliveira (2003) percebe que a manutenção do processo de inferiorização do negro em decorrência dos seguintes fatores: 1) associação do negro à sujeira/ animalização, através da utilização de expressões como carniça, preto sujo, endiabrado, negrinho terrível, preto cachorro etc; 2) utilização de piadas depreciativas; 3) associação: favela/ marginalidade, favela/quilombo; 4) ridicularização e humilhação do negro em determinados espaços sociais. Nessa perspectiva, Oliveira (2003), apesar de não descartar os aspectos inovadores desses livros, entende que “na maioria deles, os personagens negros são, principalmente, meios de reforçar, de corroborar com o racismo que (dizem) tentar denunciar”.

O trabalho de Souza (2003) aproxima-se das pesquisas citadas acima, à medida que, além de avaliar a inserção da cultura afro-brasileira nos livros infanto-juvenil, também procura verificar os mecanismos de conservação e ruptura de estereótipos desfavoráveis do negro. Entretanto, além das narrativas da década de 1980, a autora analisa também obras da década de 1990 e início do século XIX. Para ela, a manutenção da imagem inferiorizada do negro pode ser percebida através dos seguintes fatores: a) imagens depreciativas e caricaturadas; b) ausência de imagens metafóricas e da pluralidade cultural; c) associação das personagens negras ao medo; d) incoerência entre ilustração e o texto escrito; d) construções preconceituosas e discriminatórias, entre outros fatores.

No que se refere às novas formas de representação, Souza (2003) elenca os seguintes procedimentos:

- 1) Inserção de traços e símbolos da cultura afro-brasileira, das religiões de matrizes africanas, da capoeira, da dança e dos mecanismos de resistência;
- 2) Valorização simbólica de Zumbi dos Palmares;
- 3) Alusão aos orixás e à África como “grande Mãe”, aos valores ancestrais, à solidariedade;
- 4) Representação da personagem mostrando sua resistência ao enfrentar os preconceitos;
- 5) Valorização da mitologia e das religiões como forma de re-significação da ancestralidade e da tradição oral;
- 6) Ilustração mais diversificada e menos estereotipadas.

Sobre a literatura infanto-juvenil contemporânea que apresentam personagens negras França (2008) propõe quatro linhas temáticas: 1) Linha que tematiza o universo da cultura africana e afro-brasileira; 2) Linha que tematiza o preconceito racial frente à realidade social contemporânea; 3) Linha que tematiza a escravidão; 4) Linha que tematiza a identidade negra e a diversidade cultural do país. Ele aponta também para outra linha de inserção do negro nas literaturas infantil e juvenil

Trata-se de uma inclusão que se distancia destas já apontadas, uma vez que não existe uma intenção específica de discussão racial ou uma bandeira de luta em favor do negro, mas sim de trazer a figura do negro para o texto literário tratando-o como um ser humano normal e complexo, que não está nem acima nem abaixo de outros sujeitos. Dentre as obras que apresentam esta dimensão, menciono: *As três rainhas magas*, de Renata Pallotini; *O menino Nito*, de Sonia Rosa; *Emmanuel*, de Ieda de Oliveira; *A fada afilhada*, de Márcio Vassallo; *O almoço*, de Mário Vale; *Bruxa vira, virou sumiu*, de Maria Heloisa Penteado. (FRANÇA, 2008, p. 115)

O mesmo ainda salienta que esta classificação não isenta a obra de possuir em seu nível temático mais de uma dimensão. Para exemplificar França (2008) cita o livro *Luana: a menina que viu o Brasil neném* que segundo ele tematiza tanto a cultura afro-brasileira quanto a identidade negra e a diversidade cultural.

4. ANÁLISE DA PERSONAGEM FEMININA NEGRA NO LIVRO “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA” DE ANA MARIA MACHADO



Capa do livro *Menina Bonita do laço de Fita*, de Ana Maria Machado

Na história *Menina Bonita do Laço de Fita*, a menina negra é a protagonista. E o motivo do protagonismo é, especialmente, por ela possuir essa cor. A personagem é valorizada e reconhecida pela beleza de sua pigmentação escura da pele. Logo na primeira página do livro, a autora descreve e reforça as belas características físicas da menina: “Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito

fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra.” (A.M.MACHADO, 2005, p. 2).

Com esta descrição notamos que a autora qualifica a beleza da menina com adjetivos carinhosos (linda), com superlativos (bem brilhantes) e diminutivos (enroladinhos) e repetição (linda) para mostrar a delicadeza e a beleza. Aparentemente, os três elementos selecionados (olhos, cabelos e pele) apresentam uma característica em comum: a cor. O preto desses órgãos do corpo humano é aproximado a outros três elementos: azeitonas (vegetal), noite (temporal) e pantera (animal). Uma leitura simbólica da inserção de tais elementos pode revelar significações pertinentes. De acordo com Chevalier e Gheerbrant (2002) o olho humano é “símbolo de conhecimento e de percepção sobrenatural”¹. No texto, os olhos da menina são comparados a “duas azeitonas pretas”. Esse fruto, apesar de não possuir nenhuma simbologia particular, é oriundo da oliveira, árvore que representa “paz, fecundidade, purificação, força, vitória e recompensa”². Os cabelos da protagonista são assemelhados à “fiapos da noite”, esta comparação parece-me expressiva, à medida que os cabelos representam “certas virtudes ou certos poderes do homem: a força, a virilidade”³ e a noite, apesar de estar também relacionada às trevas, também simboliza a “preparação do dia, de onde brotará a luz da vida”⁴. A última comparação completa o desejo de ressaltar os traços da protagonista: a pele aproxima-se do pelo da pantera negra. Esta construção que a princípio pode ser tomada como mecanismo de animalização do negro, pode ainda tomar um caminho diferente, uma vez que a pantera é um animal símbolo “da volúpia e da sensualidade”⁵. Esta significação dialoga com o próprio sentido dado ao termo no Brasil. De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, a palavra pantera pode significar no Brasil “mulher muito bela e atraente”⁶.

¹ Chevalier e Gheerbrant, *Dicionário de símbolos*, p. 654.

² Id., p. 656.

³ Id., p. 153

⁴ Id., p. 640.

⁵ Lexikon, p. 640.

⁶ Ferreira, *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*.

Assim, se por um lado a aproximação da cor da pele da heroína com o pelo da pantera negra ressalta a beleza e a altivez da mulher de cor, por outro, reforça o estereótipo da negra sensual. Entretanto, de forma geral, as comparações – Olhos: azeitonas; cabelos: noite; pele: pantera – atribuem conotações positivas à personagem negra. A proposta do texto, apesar de deixar rastros de estereotipação, positiva a criança negra e, conseqüentemente, inaugura um novo ideal de beleza. Acreditamos, portanto, que além de uma grande lição de vida e exemplo de reconhecimento para as pessoas brancas, esta história é um resgate da identidade de milhares de meninas afrodescendentes, que ao lerem a narrativa podem se identificar com essa personagem, e perceber que a sua beleza é poderosa, encantadora e que foi capaz de deixar um coelho branco admirado, “achando a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida” (p. 6). Ou seja, a beleza da protagonista é tamanha que até os animais como o coelho são capazes de se encantar e querer se igualar ou ter filhos dessa mesma cor.

A sequência da história mostra este encantamento do coelho pela menina em que ele destaca que gostaria de ter filhos com a mesma cor dela. Ao tentar se transformar em um negro ele pergunta várias vezes: “menina bonita do laço de fita” qual é o seu segredo para ser tão pretinha?” (p. 7), e a menina fica tão surpresa, sem saber como responder e reage inventando algumas anedotas ao coelho como: “Deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina” (p. 7), “eu tomei muito café quando era pequenina” (p. 9), “eu comi muita jabuticaba quando era pequenina” (p. 11). E a cada fato inventado o coelho tentava fazer a receita indicada pela menina, para também ficar pretinho: caiu na tinta, tomou muito café e comeu muita jabuticaba e nada funcionou, continuou branquinho. Mas, como ele era insistente, ainda retornou à casa da menina e repetiu a mesma pergunta, até que a mãe da menina interrompeu e falou o verdadeiro segredo: a descendência da avó negra. Assim, finalmente, o coelho entendeu que ele não poderia ficar negro, pois sua família era toda branquinha, mas que se quisesse ter filhos lindos e negros como a menina do laço de fita deveria procurar uma namorada negra, e foi o que ele fez. Encontrou uma linda coelhinha

escura, casou-se com ela e teve uma filhinha igualzinha à mãe, que se tornou afilhada da menina bonita do laço de fita. E a coelhinha continuou despertando curiosidade sobre sua beleza negra, assim como a menina despertava, e sempre perguntavam a ela qual era o seu segredo para ser tão pretinha e linda, e ela respondia: “conselhos da mãe da minha madrinha” (p. 21).

A inserção da figura da figura do coelho, visivelmente apaixonado pela menina negra, torna-se relevante uma vez que representa o diferente, o branco, supervalorizando os traços físicos do negro e instaurando um processo de idealização das relações inter-raciais e da mestiçagem.

Em suma, acreditamos que esta história é uma lição de vida para todos nós. É um livro que pode ser lido para os nossos filhos, sobrinhos, alunos, amigos e quem queira ler uma boa história, a qual ressalta e valoriza a beleza negra que é importante e parte integrante da identidade do nosso país. Pensamos também que este livro pode ter uma função crucial com alunos nas séries iniciais, pois estimula o respeito, incentiva o “anti-preconceito” e, aos alunos negros, o livro pode lhes trazer maior aceitação por serem negros, assim todos os alunos aprendem a conviver com as diferenças e que elas só enriquecem o ambiente, as culturas, e promovem valores como o respeito, a união, a solidariedade e o afeto. Há diversas atividades que podem ser trabalhadas e pensadas a partir desta história, mas acreditamos que a função principal é valorizar a beleza negra, aceitando o diferente e diminuindo a cada dia os olhares preconceituosos tão prejudiciais à vida de um ser humano.

REFERÊNCIAS

- BRAGATO FILHO, Paulo. **Pela Leitura Literária na Escola de 1º Grau**. São Paulo: Ática S.A, 1995.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEE, 1997. Disponível em: . Acesso em: 22 de set. de 2015.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FRANÇA, Luiz Fernando de. **Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em *Menina Bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e em *O menino marron*, de Ziraldo**. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/2022/1595>. Acesso em 15 de Jun. de 2015.
- LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MACHADO, A. M. **Menina bonita do laço de fita**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989**. Disponível em <http://www.uneb.br/seara/revista.htm>. Acesso em 10 Jun. 2015.
- ROSEMBERG, Fúlvia. **Discriminações ético-raciais na literatura infantojuvenil brasileira**. *Revista Brasileira de Biblioteconomia*. São Paulo, 1979.
- SOUZA, Andréia L. Personagens negros na literatura infantil e juvenil, em CAVELLEIRO, Eliane (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.
- ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.